

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 5 de Agosto de 1931

5
20

TÓES
INDE

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

272



sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

TEIXEIRA GOMES



A elegancia da "toilette" de braço dado com a elegancia da prosa. "Agosto azul" e "Gente singular" -- obras de que o admiravel escritor-artista publicou agora segundas edições -- encerram belas páginas, de perfume e bom-gosto superiores ao mais saboroso figo.



Os ditos da semana



Em cuecas Na cidade de Miskole, os gatunos miscaram as calças do ministro da Checo-Eslovaquia, numa carruagem de caminho de ferro. Em cuecas, o diplomata pediu a intervenção da policia, e as calças apareceram, mas não diz o telegrama que relata a noticia sensacional, quanto tempo foi consumido nas pesquisas.

A scena devia ser digna Offenbach.

Não seria interessante descortinar as razões que levaram o diplomata a viajar em cuecas?

Ovidio Na Romenia descobriu-se agora o tumulo de Ovidio.

É interessante. Mas mais interessante seria descobrir e divulgar a sua obra, porque se trata dum poeta para raros apenas, daqueles que se conhecem apenas de ovidio.

O acordo Parece estar concluido o acordo bancario germano-anglo-americano. Aquilo custou a fazer, mas afinal parece tratar-se duma coisa muito simples.

As potencias emprestam dinheiro á Alemanha mas ás pinguinhas, quanto chegue para o «pitrolio» de cada dia e, no fim de contas, a Alemanha terá de pagar o favor, a generosidade, a gentileza com lingua de palmo. É assim uma especie de emprestar duas coróas a um homem que se quer suicidar, para que não lhe falte a corda para o enforcamento.

Sempre amigas, estas potencias!

Surdos-mudos A Russia vai empregar os surdos-mudos nos estaleiros de construcções navais para evitar que os que não são moucos ensurdecem com o barulho das oficinas.

É assim ficam explicadas aquelas iniciais com que é de uzo designar-se a republica sovietica da Russia - U. R. S. S. - os russos são surdos.

Guerra á guerra Acabou-se a guerra, com o novo invento do chimico alemão Kust Schimkus que faz explodir, a distancia, todo o material de guerra que se encontra em poder do inimigo.

Grande e humanitaria des-

O nosso concurso

Parodia á quadra premiada no "Diario de Lisboa"

Terminou o concurso, fechou-se a torneira da graça nacional. Começamos a publicar no proximo numero as quadras que foram recebidas e julgadas dignas da luz da publicidade. Depois se dará a sua classificação, mas desde já podemos assegurar que o juri escolhido para as apreciar, ha-de merecer as homenagens de toda a gente pela sua competencia e imparcialidade.

coberta. Quando um sujeito se prepara para dar o seu tirosinho, salta de lá o Kust e, zas, faz-lhe estalar a castanha na boca.

Kust fica sendo para a arte da guerra, o que para as artes do amor, costumam ser muitos portugueses — empatas.

Outra descoberta Descobriu-se agora o processo de tirar fotografias no interior do estomago.

É muito simples o sistema. O docente engole uma maquina fotografica em comprimidos e, devido a um despositivo qualquer, quando chega ao estomago do cidadão, põe-

se a tirar retratos, para matar o tempo, visto que nem a paisagem é deleite, embora às vezes seja de leite; nem o panorama muito vasto. Depois espera-se algum tempo—não muito—e as fotografias aparecem á luz do dia enroladas como no film-paquet. É só revelá-las e elas revelarão as mazelas de que sofre o cidadão.

Esta descoberta fez-se em Paris, com as competentes experiencias que deram um resultadão. Se fosse em Portugal não haveria mais do que fotografias veladas, fotografias das paredes do estomago, dado que o portuguez, nestes tempos que vão correndo não tem no estomago materia fotografavel. E se se tratasse de funcionarios publicos, nem paredes se encontrariam, tão certo é que órgão que não exerce as suas funções se aniquila e morre.

O CONCURSO

DO

"Diario de Lisboa"



Três concorrentes: de Lisboa, do Porto e de.. «Braga».

Anuncios Do nosso fornecedor habitual:

RAPOSAS

A prestações, espanholas usadas, transformam-se com cauda nova, ficam bonitas. Fabrica R. S. A. Capuchos, 68 e 74, telef. 4031-N.

Com toda a franqueza devemos declarar que as espanholas, mesmo novas, não são o nosso forte, mas então usadas não as suportamos, nem transformadas e com cauda nova.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é por tabela.

THEATRO
 «RETROZ PRETO...»



As duas Marias — Oh! Carlos, mas que barulho, que desafinação!
Carlos Leal — O que me vale justamente é eu não «afinar».

CONSTA que o José Climaco tem obtido um grande êxito imanceiro em S. Paulo, no Brasil. Quem anda contente com isso é o José Loureiro!...

TERMINOU o campeonato de luta no Coliseu dos Recreios. O apuramento final deu como campeão o nosso amigo Ricardo Cevões.

ORA até que, enfim, não foi o Raimundo Alves quem pagou a conta...

OS Meninos de Ouro viram Braga... por um canudo! Nem mesmo com o forceps do Lino Ferroira vieram à luz da ribalta! Para outra vez será!...

FOI encarregado de organizar um campeonato de luta para o Coliseu dos Recreios o conhecido homem de teatro e empresário Victor Lopes.

EMA de Oliveira esteve em Paris. Mas não se desnaturalizou. Voto mais portuguesa!...

ALVES da Cunha vai fazer, no Politeama, o *Pedro, o Cruel*. Nesta época e com este calor, é uma crueldade!...

JOSÉ Climaco, Beatriz Belmar, Joaquim Prata e Miguel Orrico fizeram, no Rio de Janeiro, a sua festa artística com a peça: *Retalhos de Ouro*. Quanto caberia a cada um?...

O nosso colega *Republica* anuncia que a época de inverno, no Avenid., será feita com a revista *Balanço*. Veremos se a companhia se aguenta no balanço...

DOIS conhecidos homens de teatro estão escrevendo uma revista intitulada *São Martinho*. Será o São Martinho dos autores?...

NO Maria Vitoria, para ampliar a feliz revista *Viva o Jazz*, escreveu-se um novo quadro de comédia, passado num tribunal, fazendo Costinha de réu e Antonio Silva, de advogado de defesa.

O Costinha, só pelo tipo que compôs, merecia a absolvição, tendo o Antonio Silva mostrado brilhantes qualidades oratorias.

Pena é que o ultimo não se suje mais de tinta, porque quanto mais se sujar... mais limpo será o trabalho!

RAFAEL Marques declinou o convite para trabalhar no *Viva Portugal*, tendo partido pela quinquagesima vez para a sua casa de Santarem.

Consta que a C. P. lhe vai conceder um passe por o considerar o seu melhor freguês...

AFINAL o nosso simpatico dr. Ramada Curto sempre continua a fazer peças.

Foi peça que ele nos pregou, dizendo que nunca mais escrevia para o teatro!

O dr. Coutinho de Oliveira e o nosso colega Nobre Martins estão traduzindo uma opereta, que se chama *Flordermans*.

Onde está a companhia de opereta para a representa? ■■■

DEPOIS do *Viva o Jazz*, teremos o *Viva Portugal!*

Ainda ha quem tenha coragem de falar de crise de teatro, quando os emprezarios andam aos rivas!... ■■■

VAMOS ficar sem o Carlos Leal. Uma temporada de cinco meses, no Porto, vai roubá-lo ao convívio dos habitués do teatro Maria Vitoria.

Apesar de tudo... deixa saudades! ■■■

CONTINUA em Lourenço Marques, sem se dissolver, a companhia Hortense Luz.

Desta vez parece que brilha a luz... da união!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Beatriz Costa



...Um bom cigarro e uma linda cigarra.

A pontualidade

O unico defeito do meu amigo Evaristo é ser um homem excessivamente pontual, a ponto de ser, por vezes, vítima da propria pontualidade. Assim, não é para ele caso virgem o facto de perder um comboio por ter chegado excessivamente cedo e resolver por isso ir dar uma volta pelos arredores da estação...

Talvez pela sua mania da pontualidade, o Evaristo dedica excepcional carinho a um relógio despertador que possui, oferta dum amigo de infancia no dia fatal do casamento...

Ora, por questões financeiras muito de respeitar, o despertador do nosso amigo foi ha dias «pendurado» com «cautela» e juros num estabelecimento de penhores.

Depois deste sacrificio sobrehumano a que a necessidade o obrigou, o Evaristo voltou para casa apreensivo.

— E se ele, o cumulo da pontualidade, acordasse a horas de assinar o ponto na repartição? Só a esta ideia, o Evaristo empalideceu.

E no caminho para casa, os seus labios pronunciavam baixinho, afiladamente:

— E se eu não acordar?

São sete horas da tarde. O Evaristo encontra-se assentado, com o resto da familia, em frente da terrina de sopa fumegante e do seu cerebro não sai a ideia fatal: — E se ele, o cumulo da pontualidade, falta á repartição?!

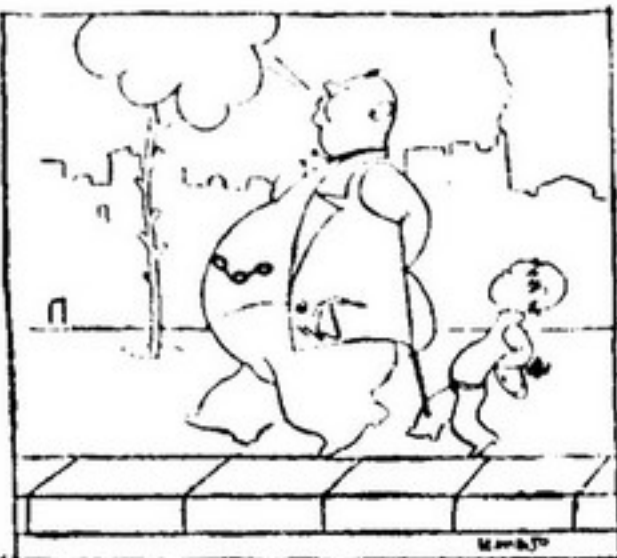
Logo por azar, madame Evaristo tem um sono mais pesado do que qualquer «boxeur» dessa categoria...

E o nosso homem pontual passou mentalmente em revista as pessoas que o rodeiam no seu modesto quarto andar: o filho mais novo, o Zéquinha, que tem cinco meses e passa a vida a dormir no berço; o mais velho, o Quim, que acorda sempre depois do meio dia e se delta sempre á hora de fecharrem os clubs... E não achando ninguem capaz de se responsabilizar por acordá-lo no dia seguinte, o Evaristo tem uma ideia salvadora. Corre ao telefone, liga para a casa de penhores e pede:

— Está? Daqui fala uma pessoa que esteve aí ha uma hora a pôr um relógio. Ah! Lembra-se? Era para lhe pedir o favor de pôr o despertador para as 9 da manhã, que é para eu não faltar á repartição!...

A. N.

Qual é a coisa melhor que em todo este mundo ha?
— Não duvidem um minuto: um copo de *Guaraná*.



— O pai é muito parecido com um actor cinematografico que...
— Como se chama ele?
— O nome não sei. Se o pai quere saber, vá ao cinema. Esse actor entra logo no principio do primeiro filme. E' um homem muito feio e muito cordo que faz um papel de idiota...

A televisão

O Teles, apesar dos seus sessenta anos e pico, é um homem que gosta de acompanhar o progresso, em todas as suas manifestações.

A sciencia para ele não tem segredos; conhece-a em todos os seus detalhes, mercê de um aturado estudo atravez de mil e uma revistas que teem aparecido no mercado, enchendo vitrines e montanhas das livrarias.

Ha tempos, montou em sua casa um aparelho de T. S. F., tendo tido como seu auxiliar um rapaz electricista, o Americo, que mora no 3.º andar do mesmo predio. Foi este rapaz quem montou o aparelho e o afinou.

Desde esse dia, era raro o Teles sair á rua. Passava quasi todo o tempo em casa, ouvindo Londres, Berlim, Paris, Marrocos, Barcelona, Nova York, etc. E era um nunca acabar de concertos exquisitos, de silvos prolongados, dos mais estranhos ruidos.

A sua esposa, que a principio tanto se interessara pela T. S. F., começou a aborrecer tudo. E volta e meia zangava-se e dizia para o Teles:

— Deixa-te disso, filho! Pois tu não vês que o teu aparelho já não funciona?

E insistia, argumentando que a T. S. F. havia de dar com uma pessoa em doida.

Aos seus rogos, o Teles prometia que sim mas que tambem, e acabava por pedir o auxilio do Americo electricista, para lhe pôr o aparelho a funcionar.

A certa altura, porém, o Teles enfatiou-se tambem com a T. S. F. Não ouvia senão discos já velhos e relhos, conhecidos e estafados, alguns dos quais, num dia de mau humor, ele tinha atirado para um canto, juntamente com uma gramofona.

Entretanto, ele não descançava nas suas locubrações, procurando acompanhar os progressos da sciencia. Por esse motivo, tornara-se conhecido na vizinhança como um sabio. E dizia-se á boca pequena:

— Aquilo é que é homem! Sáem-lhe coisas extraordinarias da cabeça!

Um dia, surgiu-lhe uma nova ideia. Porque não havia de experimentar a televisão? Deu conhecimento do facto á esposa, que re-

moeu, a principio, com a sua madureza. Mas quando lhe comunicou que faria a montagem de dois aparelhos, um em Lisboa e outro na sua casa do Douro, ela aceitou com mal contido jubilo a ideia.

O Teles meteu mãos á obra, sempre com a ajuda do Americo, que era um tecnico a valer. Fizeram-se as primeiras experiencias, que deram o melhor resultado. Flizeram-se convites especiais a amigos e conhecimentos dos quatro cantos de Portugal. Mas quem ficaria em Lisboa? A esposa, apta já a funcionar com o aparelho, sugeriu a ideia de ficar ela em casa. Era preferivel isto, a ter de seguir para o Norte e ficar o marido em Lisboa.

Chegou o dia de inauguração. Festa rija precedeu o acto. Até que, todo ufano, o Teles pôs o aparelho a funcionar. Com espanto de todos, não se via nada. Empregou mil esforços, fez varias tentativas, sem resultado. Não havia ali ninguem que percebesse daquilo! Quem adivinhasse! Teria trazido o Americo. Teve uma ideia. Chamou Lisboa, uma, duas vezes: B. O. 1-A. A. Ouviu uma voz feminina: era a sua mulher, conhecia-a bem, apesar do alto falante coar a voz um pouco pastosa.

— Então, que tal achas hoje o aparelho?

— Hoje, sim, é que está bom. Mas não se vê nada...

O Teles não teve tempo de responder.

O televisor iluminou-se como por encanto e ponde vêr-se, então, numa atitude de quem se sente á vontade, a Madame Teles e o Americo electricista a beijarem-se.

O Teles ficou entupido por uns instantes, mas, recuperando o seu sangue-frio, perguntou:

— Então o que é isso? Que está aí o Americo a fazer?

— Não te assustes, filho! Veio pôr isto a funcionar. Precisava de pôr duas antenas...

No antigo solar dos Teles do Douro nunca mais houve experiencias de televisão. E' de crêr, mesmo, que o inconfidente espelho esteja a servir para as arganassas se pentarem.

E' que o Teles jurou nunca mais acompanhar os progressos da sciencia...

B. S.



O director de circo para o campeão de box: — Você tem abusado porque o trato com carinho... Mas se continua, vejo-me na necessidade de ser bruto para consigo.

Graça dos outros

O medico: — Já lhe disse que o café forte excita muito o seu marido!

Ela: — Mas se o faço fra, ele excita-se ainda mais!...

Entre amigos:

— E a tua noiva é agradável?

— Sim, como as outras!...

Na feira dos fenomenos:

O pai: — Agora vamos vêr um tigre que come um homem!

O filho: — Não gostarias mais de vêr um menino comendo um chocolate?...

Parou o comboio:

O viajante: — Tenho tempo de beber um copo de vinho nesta estação?

O revisor: — Sim, senhor!

O viajante: — Com certeza?

O revisor: — Absoluta! Até me pode convidar!...

A dactilografa: — Qual o assunto de que vai falar com o sr. Antunes?

A mulher do Antunes: — Da senhora!

O pai: — Sim, senhor. Minha filha tem 300 contos de dote e quando eu morrer recebe 500!

O pretendente: — Muito bem! E o senhor pensa viver ainda muito tempo?...

Numa exposição de motocicletas: — Aqui tem o ultimo modelo de motocicletas! Não faz ruido nenhum!...

— An, não?... Então não quero!...

No club:

— Vês aquela rapariga que ali está? Chama-se «Grippe»!

— E porquê?

— Porque ha que suar muito antes de nos vêrmos livres dela!...

Na rua, á noite:

— Dá-me um beijo, querida!

— Não me strevo. Vem aí gente!

— Não tenhas medo! Vem logo, e não nos vê!...

Entre ladrões:

— Aquela, desde que se casou, deixou de roubar!

— E' coisa sabida! As mulheres dão sempre cabo dos homens!...



— Oh filha um mez na Costa do Sol! Em que raras vezes o vejo!



— Quando a gente se emborrracha é que vê bem que a terra é redonda, anda tudo á roda.

Elevador da Gloria

«Uma» de caçador:
— Não gosto de vêr sofrer os animais. Quando caço leões, adorno-os primeiro com cloreto antes de disparar...

★ ★ ★

Entre amigas:
— Há cinco anos que me casei e tanto eu como meu marido vivemos como no primeiro dia do nosso casamento!
— Mas vocês, entem, estavam muito zangades!
— Não te dizia eu que vivemos como no primeiro dia do nosso casamento!...

★ ★ ★

Na rua:
— Perdeu alguma coisa?
— Cinco tostões! Se os achar, demoz, senão fique com eles...

★ ★ ★

Ela: — Vê o que diz este jornal! No Oriente, um homem trocou a mulher por um cavalo. Tu não sabes isto, não é verdade?

Ele: — Não; eu preferia um autómovel...

★ ★ ★

O moribundo: — Não tens vergonha, Henrique, de estares discutindo com teus irmãos a minha herança, comigo ainda vivo?

O filho: — Não era isso que discutíamos. Eram as despesas do seu erro...

★ ★ ★

Tocando piano:
A mãe orgulhosa: — Minha filha é admiravel no piano. Faz dele o que quere!...

O convidado, aborrecido: — Então porque não o fecha?...

★ ★ ★

Ela: — Se continuas a olhar-me dessa maneira, dou-te um beijo! Já não me posso conter!

Ela: — Então avia-te, que já esteu cansada de estar ha tanto tempo com a mesma cara...

★ ★ ★

— Está convencido o meu futuro genro de que poderá suportar-me como sogra?

— O' minha querida senhora, pois se é precisamente para a ter por avó dos meus filhos que desejo casar com sua filha!

★ ★ ★

Ela: — Não seha estranho esse costume de dize a viúva de fulano, e nunga e viúva de fulana?...

Ele: — Não, porque isso indica que as mulheres devem tornar-se a casar, mas os homens não...

Tac-Tac-Tac

Eu conheci este homem no dia seguinte á sua chegada a Lisboa.

Duma grande actividade e apertado pelas duras circunstancias em que se encontrava, logo me propôs trabalharmos de sociedade num genero novo de anuncios: — as mesas dos cafés teriam como tampo um vidro, sob o qual os anuncios seriam lidos imperativamente.

— Ha que tirar a patente.
— Já, Já — respondia-me ele, em espanhol, por julgar que assim melhor eu o compreenderia.

Mas passou-se uma semana sem que o meu amigo Tomazzo Rigodati (tal era o seu nome) tirasse a patente. E exactamente quando ia fazê-lo, teve noticia de que, no outro dia, a Empresa Subterranea de Publicidade colocava nos cafés da Baixa as primeiras mesas annunciadoras de cuja exploração de ha muito que tinha o privilegio.

— Porca, la Madona! — exclamou Rigodati. — Vou fazer agua de Colonia.

— Agua de Colonia? Com quê?...
— Com a agua do contador. E hei de gaphar um cento de réis. (O que nesse tempo era muito dinheiro).

Reconheci que não nascera para moço de cego, sobretudo quando o cego via mais do que eu. E perdemo-nos de vista.

Para encurtar razões: — ao fim de dez anos de estar em Lisboa, tinha varios predios, fazia negocios de centenas de contos e andava sempre de automovel — o seu automovel.

Foi de justiça elementar dizer-se que, dotado duma formidavel energia, trabalhava constantemente. Distrações só uma — as mulheres. Teve sempre até a mania de conquistador. A medida que enriquecia, ia criando habitos de limpeza que no começo lhe escassavam e armava em D. Juan nas horas vagas. Sobretudo não lhe escapava um posterior roliço de mulher, sem que ele, divisando-o, dissesse sorridente, fôsse para quem fôsse:

— Lui manca sol tanto la parola...

E lá ia na cola da femea cobigada.

★ ★ ★

Estavios em 1918. Morrera Sidonio Pais nas vespuras. A remendada aristocracia portuguesa, que vira nele o seu selvador, apressava-se nas suas homenagens, enviando corôas e bouquets ás centenas.

Eu morava então no mesmo

predio em que habitava Tomazzo Rigodati com sua familia.

Encontrei-o nessa manhã na escada.

— Então como vals tu, Rigodati?

— Bem. Mas muito atarefado. Calcula que mandei fazer uma grande corôa de rosas té. Sabes o que é? Rosas té, que me custa um dinheral, para o enterro dil signore Sidonio, uma vez, parou ir vêr se me a aprontam para ser exposta no jornal A Situaçon.

— Mas ouve cá — acorri eu — então tu não eras maçõn, libertario, com responsabilidades naquella coisa do Ré Umberto?...

— Si. Ma... as senhoras... tu comprehendes... Mesmo, porque il signore Sidonio, uma vez, passou o automovel ao pé dumas obras que estou construindo no Dafundo e perguntou-me: «De quem é isto?» E eu respondi: «E' meu». E ele abanou a cabeça, satisfeito, e disse: «Grande obra, grande obra!» Já vêr que eu tinha que oferecer-lhe a corôa.

E lá foi a correr para levar á Situaçon a corôa de rosas té.

No dia seguinte, logo pela manhã, acordei com invulgar barulho na escada. As meninas e as criadas subiam e desciam as escadas, á spe: dos jornais. Vesti-me e tambem fui pôr-me cêrca da porta, á espera do meu.

Nisto oiço a voz de Rigodati.

— Porca Madona! Tresentos mil réis para isto!...

Intervim:

— Então isso que foi, meu amigo?

— Foi que o jornal, onde eu tantas vezes repeti o meu nome, diz hoje que havia uma linda corôa, oferta pela familia Tomaz Ridigota.

— Oh, diabo! Mas isso tem remello. Como o enterro é só amanhã, vai ao jornal e pede uma rectificação.

— E' do que vou tratar immediatamente.

E despedimo-nos.

A's 6 horas da manhã do dia seguinte, era um verdadeiro inferno naquela escada. Mas dessa vez eu tambem lá estava. Chega o jornal, Rigodati, que puzera apressadamente as lunetas, percorre-o com ansia. Nisto, solta um urro:

— Porca la Madona! Cinque volte porquissima!

— Então o que foi? — pergantel eu com ar ingenuo.

— Lê, lê tu.

E eu li:

«Uma linda e custosa corôa de rosas chá, oferta da familia Tomé Rodrigues».

CIRANO DE VELHOFRAC.

Das escolas

Um beirão muito avaro mandou o filho estudar para Coimbra, recommendando-lhe á despedida que fôsse muito economico, sobretudo na comida. Chegado á cidade do Choupal, o rapaz perguntou onde era o mercado e, quando se viu dentro dele, foi perguntar a um talho quanto custava uma vitela.

— Mil e quinhentos escudos — disseram-lhe.

Agradeceu e saiu. Depois de dar duas ou três voltas, topou com uma mulher que vendia perdizes.

— Quanto custa cada perdiz?

— Saberá o sôr doutor que custa quinze mel réis.

O nosso homem dirigiu-se logo a casa, dizendo a si mesmo:

— Pois comerei perdiz todos os dias!...

★ ★ ★

Faculdade de Direito. — Ponto escrito de Direito Civil. Uma aluna, para o companheiro da frente:

— Você sabe resolver?... Eu não sou capaz de atinar com o artigo. Estou absolutamente desnorreada, parece que perdi a cabeça!...

— Se quere, empresto-lhe a minha...

★ ★ ★

Na mesma Faculdade. — Exames da cadeira de Economia Politica. O aluno, embora respondendo certo, dá as definições com palavras suas e ás definições decoradas da sebenta corta-lhes uma ou outra palavra menos essencial. O professor, a certa altura:

— O senhor tem de dar as definições como eu as dei na aula. Sim, porque o padre-nosso tambem o senhor o tem de dizer como ele é... De contrario, o senhor vai para o inferno... Pois tambem se me não disser as definições como elas são, palavra por palavra, — mando-o para... o inferno!...

Claro que o inferno, para o distinto professor, era um inferno de... raposas.

★ ★ ★

Aula de instrução primaria. — O professor, explicando a lição:

— A terra anda á volta do sol e este conserva a terra no seu lugar pela força da atracção.

Um aluno curioso:

— Então o que é que conserva a terra no seu lugar, durante a noite?...

★ ★ ★

O F. B., aluno da Faculdade de Medicina, tem a noiva no Porto. Aqui ha dias, resolveu enviar-lhe uma carta. E escreveu: «Como eu não tenho nada para fazer, escrevo-te esta, e como eu não tenho nada para te dizer, acabo-a. Sempre teu, F. B.»

★ ★ ★

Um aldeão foi um dia á cidade e, dirigindo-se a uma escola particular, perguntou o preço por que leccionariam seu filho.

— Cento e cincoenta escudos no primeiro mês e cem nos seguintes.

— Muito bem! Nesse caso, meu filho começará no segundo mês...

JOTA EME.

Figaro! Figaro!



— Os barbeiros de Sevilha tem tido nestes ultimos dias um trabalho a rapar nuca o que resolve em parte a crise do trabalho.



— Parece-me que estou a vêr sair qualquer coisa daquella mala.

— Tem-me aborrecido, mas, tanto, mas perdi a chave dos meus olhos e sou obrigado a mover os trabalhos que tenho a tratar por aquela abertura...

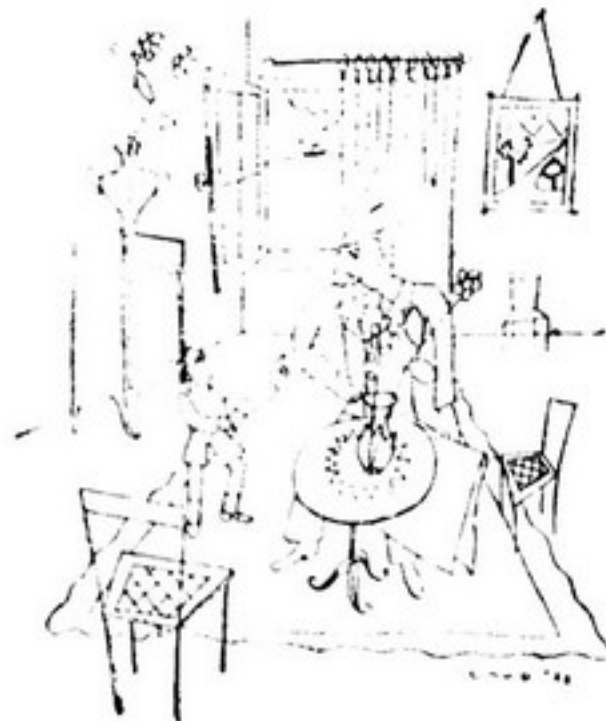
E' preciso lutar contra a crise

O desastre mundial financeiro não é a minha unica preocupação. Ha outro problema talvez mais grave: tuberculosos e revolucionarios.

Em primeiro lugar, não compreendo porque motivo protegem os tuberculosos e afastam os revolucionarios. A tuberculose, por mais que se faça, é uma doença em que os casos de cura são tremendamente raros e caros. Proteger os tuberculosos é propagar a tuberculose. Logo, os tuberculosos deviam ser simplesmente eliminados, sem mais aquelas e pondo de parte qualquer espirito humanitario, que só pode ser prejudicial para a prosperidade dum país.

Prefiro, indiscutivelmente, a classe revolucionaria. Trata-se de gente forte, que pratica o sport viril e audacioso de arriscar a vida a brincar ás guerras.

Não tenho ideias politicas absolutamente nenhuma, nem com-



preendo que os revolucionarios as tenham. Limito-me a aceitar as revoluções como um aspecto de sport violento, especie de rugby ou de caçada ao tigre real.

Se o país prescindir dessa gente viril, como será possível combater a tuberculose?

Ha decerto um grande mal entendido. Mas temos que nos sugar; aceitemos o lugar comum: protejam-se os tuberculosos e afastem-se os revolucionarios.

Eu costumo discutir estes graves dilemas com o meu filho, que tem 10 anos e é muito mais esperto do que eu. Ha dias, quando lhe propuz este caso de palpitante actualidade, foi ele quem encontrou uma solução que me parece clara e acertada. Segundo ele diz, pedia-se dividir a ilha da Madeira em duas metades distintas. Numa delas instalava-se uma estância de repouso para os tuberculosos e mandavam-se todos para lá, se houvesse espaço para tantos. Os que sobejassem atiravam-se ao mar. Na outra metade instalavam-se os revolucionarios todos, que deviam caber, porque cabem em toda a parte, e, como não tinham nada em que se entreter, organizariam terriveis e fulminantes complotos contra os tuberculosos, até acabar-lhes com a raça.

Quanto aos revolucionarios, esses acabavam por morrer tuberculosos e não se falava mais nisso.

TIMPANAS.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

DESSPORTOS

A' roda da visita dos brasileiros

Existem graças que nos custam dissabores. Mas nem por isso deixamos de dizê-las.

Porque essas graças, em geral, são sempre as melhores.

Isto vem a proposito do seguinte: Sabemos que o dr. José Bôto, redactor de desporto dum periodico da manhã, tem recebido nestes ultimos tempos algumas cartas, vindas do norte e recheadas de amabilidades...

E porquê? Porquê tanta furia? Qual a causa?

Uma graça. Só uma graça... tão cheia de graça como espirituosa: uma graça que vale bem alguns dissabores.

Leiam, portanto, e por favor, o começo desta noticia e origem da revolta nortenha:

«O Club de Regatas Vasco da Gama, que no ultimo domingo jogou no Estadio do Lima contra um team constituído pelo arbitro, força publica e assistencia...» etc., etc.

De facto, havemos de reconhecer que o onze oposto no Porto ao Vasco da Gama era de força... de força publica, claro.

Tem ou não tem graça a lancha do nosso outor?

Vale ou não vale os protestos que ele tem recebido?

* * *

Já tivemos ocasião de nos referir, com a largueza necessaria, á gentileza dos portugueses para com os jogadores brasileiros.

Fôsse o leitor assistir ao encontro de domingo, entre o Sporting e o Vasco da Gama, e veria como

falamos verdade, e veria o que é delicadeza.

Os jogadores, tanto dum lado como doutro, pareciam uns marqueses. Todos educados em salões da aristocracia. E á mais ligeira colisão, logo os jogadores, dobrando servilmente a espinha, rogavam desculpa, abraçando-se amuadadas vezes.

Aquilo, sim. Aquilo é que foi correcção desportiva, delicadeza de maneiras. Até o arbitro parecia o sr. dr. Julio Dantas a presidir a uma sessão da Academia...

O Sporting perdeu por meia dúzia de goals menos dois... Mas portou-se correctamente.

Não sabe jogar? Não importa. Sabe ter linha. E a linhaça é tudo... E os leões, por isso, ficaram contentes...

* * *

Na cidade invicta, o arbitro Alexandrino dos Santos mimoseou os brasileiros, na sua residencia particular com um copo de agua de arremba.

Enquanto os brasileiros se entrelinham a comer e a beber, ia o arbitro ruminando:

— Bebei... bebei... que inda haveis de amargar essas bebidas...

Realiza-se o segundo encontro com o Porto. E' arbitro Alexandrino dos Santos.

E aí é que foram elas. De verdade, o pensamento do Alexandrino, em verso alexandrino, tinha razão de ser.

Porque os brasileiros pagaram tudo quanto tinham ingerido, e por bom preço...

JONICA.

Cronica dos tribunaes

Ha três anos que se arrasta no tribunal um volumoso processo com cerca de quinhentas folhas; e que está tendo o seu epilogo no tribunal da Boa Hora. E todo este pleito por causa duma cadelinha qualquer igual a tantas outras que a carroça camararia arrebanha todos os dias por ninguem querer saber delas.

E, quando nas cadeias de Lisboa gemem e sofrem centenas de pessoas que esperam julgamento, toma-se o tempo tão precioso dum juiz, dum delegado, dum escrivão, de advogados e testemunhas e gastam-se resmas de papel por causa dum cachorrosinho...

Um dos advogados, dirigindo-se ao juiz:

— V. ex.^a, sr. juiz, já viu promover-se a julgamento um individuo por haver furtado uma cadelinha que ninguem sabe, no processo, se é branca ou preta, alta ou baixa, grande ou pequena, magra ou gorda, docil ou arisca, vadia ou honesta...

O juiz não responde. Sorri! Uma testemunha descreve desta forma uma busca em casa dos arguidos:

— Eu estava á porta dos srs. reus. Quando, porém, os srs. arguidos entraram lá em casa e prenderam a cadelinha, como se fosse uma pessoa, eu fartei-me de chorar, sr. juiz.

— Isso não interessa a causa. Diga como se passaram os casos.

— A cadelinha começou a farejar pelas proximidades e fugiu de novo para a casa dos srs. reus! Que engraçadinha era a cadelinha! Até parecia uma pessoa intelligente!

— O que disseram os agentes quando viram a cadela?

— Começaram a gritar: «Oh da guarda! Oh da guarda! Cá está ela, a cadela!»

O advogado:

— E não estremejaram foguetes?

— Havia contentamento no sitio, isso havia...

— Contentamentos desvaifados, entusiasmos insustidos, exuberancias de alegria. Só faltou a musica...

— Tambem houve. A cadelinha fartou-se de tocar e cantar!

Outra testemunha, um rapazito que tambem presenciou a cena, descreve o caso desta forma:

— O que eu vi foi um cãozinho lá no sitio...

— Não era uma cadelita? — pergunta o juiz.

— Não, senhor. Eu olhei para ele e reparei muito bem nos attributos com que a natureza distingue os sexos nos varios animais que a arca de Noé despejou neste encantador paraizo em que a humanidade vive e é rainha, e exclamei:

— «Mas esta cadela... é um cão!»

Outra testemunha declara por seu turno que a cadelita foi oferecida ás meninas «dos réus» por umas criadas.

O defensor intervem:

— O que se verifica é que o quelxoso só procurou vexar os réus com buscas e ameaças, pretendendo á viva força encontrar lá «o pomo de ouro» da discordia — com uma cadelita que farejava por ali proximo.

Fera é que a cadela não podesse comparecer e depor na audiencia, para esclarecimento do douto tribunal, que julgou sem ouvir a verdadeira interessada.

Noticias do dia

Os acontecimentos de Espanha
(Do nosso correspondente especial)

SEGOVIA, 3. — Nesta cidade de Espanha, a vida tom-se feito com toda a tranquillidade. A Republica foi recebida nesta terra com regosijo porque a Segovia é para todos igual em tendencias republicanas.

SEVILHA, 2. — Em vista do vermelho ser uma côr acentuadamente avançada, vão ser prohibidos os espadas de tourearem com capas encarnadas. De futuro, as capas serão ás riscas, no que ha grande conveniencia, porque sendo ás riscas são menos os riscos que o espada corre.

ANDALUZIA, 2. — Em vista da crise de trabalho que assola esta região, os bois portugueses do lavrador tambem português Palha Blanco, e que vinham a Espanha ser toureados, em prejuizo dos seus colegas espanhóis, foram mandados seguir novamente para Portugal.

O perigo comodista

CANTAO, 93. — Lavra grande grande descontentamento porque os soldados do general Achim-pum não querem, por comedismo, seguir para o norte a combater as hostes aguerridas do general Antonio.

A explosão do Mena

Deu-se ontem a explosão do Mena perto das 15 horas da noite. A noticia correu celerem pela cidade. A explosão deu-se porque a Mena, que estava conversando á porta da Brasileira do Chiado com varios amigos, foi aberdado por um individuo mal vestido, que lhe dirigiu alguns insultos muito secces.

O Mena ouviu tudo aquilo com uma paciencia evangelica. A certa altura, o outro falou-lhe insultuosamente nos seus antepassados e foi então que o Mena já não podes mais e explodiu.

O conflito, que não teve consequencias, solucionou-se.

Quem perdeu

Encontra-se na nossa redacção, será entregue a quem provar pertencer-lhe, uma porção de tempo ainda em muito bom uso.

Quem achou

O sr. Estanislau emittiu hoje uma opinião arriscada. Esta opinião levantou celeum, havendo quem achasse boa e quem achasse má. A quem achar boa a opinião do Estanislau pede-se o favor de vir á nossa redacção participar.

Cacharolete

Com este calor horrivel, que não se viu outro assim, como eu invejo os que foram no tal «Conde Zeppelin» tomar um sorvete ao Polo, sem despesas nem demoras, e que voltaram, «fresquinhos», passadas algumas horas...

E, assim como ultimamente, todas as noites, a fio, em «motor-boats» modernos ha passeios pelo rio, não pode haver tambem, mas a preços populares, uns passeiosinhos diarios para as regiões polares!...

Ando mesmo azabumbado com o calor. Endolço, e de suat. as estopinhas, quasi que não me conheço. São cervejas, agua fresca, e boia sumo de uva. — Mas não vê, homem, que isto está a ficar quente!...

O HOMEM DOS TIMBALES.

PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM
E DO MANEGAS POR STUART

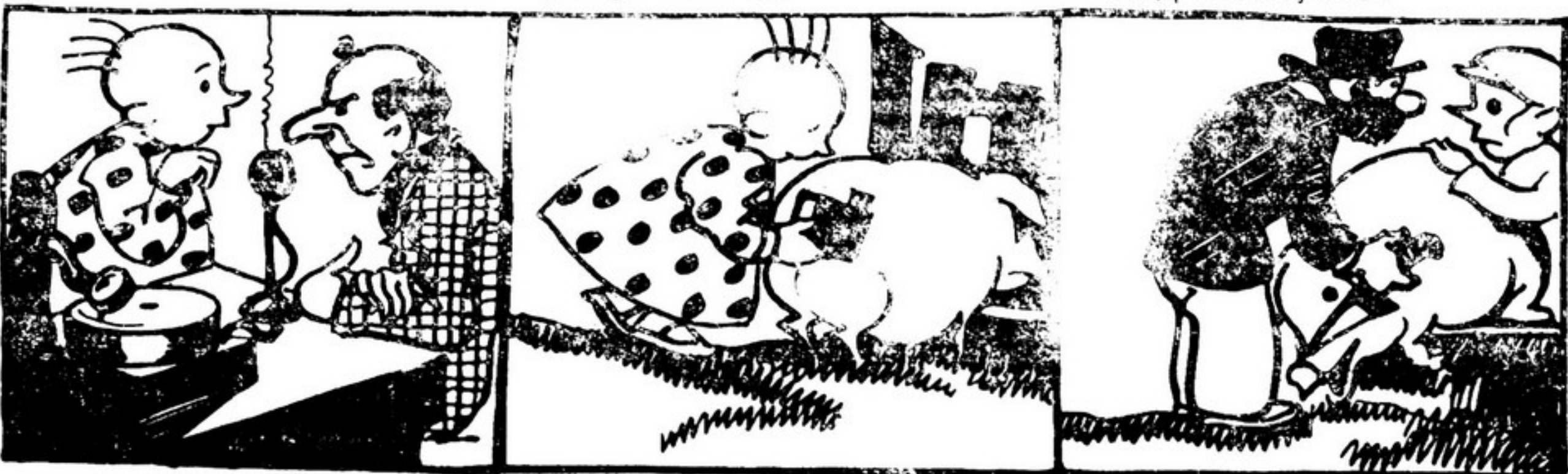
Ultimo episodio da Quarta Parte



I — O Pelicano leva um grande carregamento de bombas com gazes, e lança algumas, ao avistar o «Nariz de folha» ...

II — ... que, de repente, se vê envolvido por um verdadeiro fogo de barragem que cai do céu

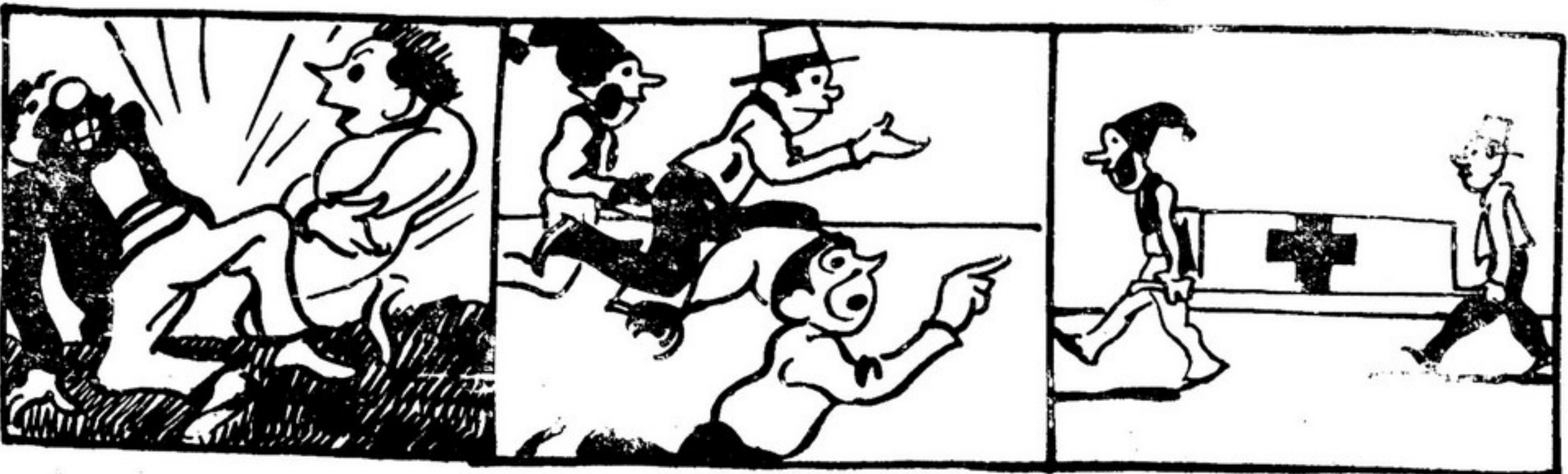
III — Manecas trata do «Nariz de folha» com todo o carinho e ele, reconhecido, promete ajudá-lo.



IV — Manecas interroga-o, e «Nariz de folha» faz confissões terríveis, em frente dum microfone registador.

V — Sabendo que os bandidos gostam de carne de pôrco, Manecas faz engulir uma maquina fotografica e uma porção de magnesio a um cevado

VI — Posto em liberdade, o pôrco é apanhado pelo «Pêra de Arjunça» e pelo «Ferra-o-bico» que o matam para se banquetear.



VII — Quando iam a abrir o pôrco, o magnesio ardeu, com grande estrondo, e a maquina fotografou os dois bandidos.

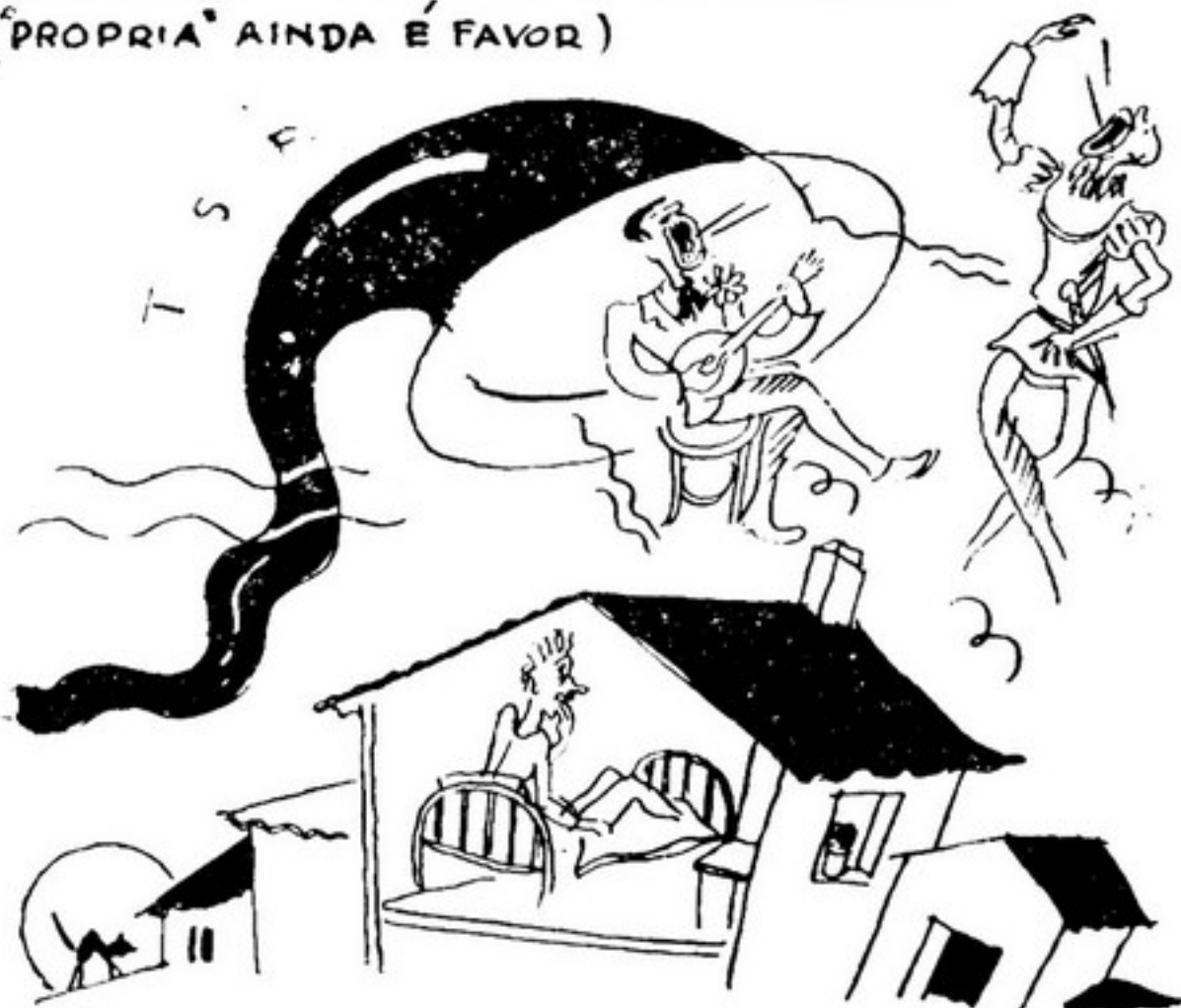
VIII — O povo, acorreu espavorido, julgando tratar-se dalgum atentado dinamitista...

IX — ...sendo os dois bandidos, desmaiados, conduzidos ao hospital mais proximo.

Em virtude do extraordinario sucesso obtido pelas «Aventuras de Quim e Manecas» que Stuart Carvalhais tem publicado no «Sempre Fixo», e a fim de lhes dar maior expansão, passam elas a ser publicadas no «Diário de Lisboa», todas as segundas-feiras.

ECOS DA SEMANA

NÃO HÁ O DIREITO DE FAZER GRAMAR A IHORA DA NOITE UMA BERRATA "PROPRIA" DO MEIO DIA. ("PROPRIA" AINDA É FAVOR)



CAXIAS E CAQUEXIAS - MULHERES BEMCREADAS E CÃES MAL CREADOS.



PARA SER CHIC "PARECEMAL" NÃO VESTE FAZENDAS NACIONAIS... (... QUE GRANDE CACETADA...)



MAS QUE IDÉIA TÃO EXQUISITA PROCURA UM "LAMPEÃO" COM CANDÉAS.



A POBRE JÁ ESTÁ MANETA... FICARÁ COMBEM PERNETA? VÃO CHAMAR O ASUERO



NA SUA VIAGEM AO POLO O DR. ECKNER DESCOBRIU QUE A TERRA ESTAVA FORA DOS EIXOS E QUE PRECISAVA DE OLEO.

AGORA SIM. O MUNDO VOLTARÁ A "ANDAR MELHOR"

